



**A 150 anos: A Batalha de Riachuelo.  
Uma vitória sem imediato seguimento**

Mário Maestri<sup>1</sup>

**Resumo**

Em 11 de junho de 1865, a parte substancial da improvisada marinha de guerra paraguaia atacou poderosa divisão naval do Império do Brasil, estabelecendo importante batalha fluvial diante do *Riachuelo*, pequeno afluente da margem esquerda do rio Paraná. Com a arriscada operação, o comando paraguaio pretendia abordar e apoderar-se de barcos imperiais, impondo o seu domínio ao braço superior daquele rio, imprescindível à continuação da ofensiva terrestre no Rio Grande do Sul e em Corrientes. A operação resultou em fragorosa derrota paraguaia. Porém, nos meses seguintes, a marinha imperial cedeu o controle do alto-Paraná às forças paraguaias, que tivera sua marinha desmantelada.

**Palavras-chave:** Batalha Riachuelo; Guerra do Paraguai; Guerra fluvial.

**150 Years: The Battle of Riachuelo.  
A Victory without Immediate Suite**

**Abstract**

On June 11, 1865, a substantial part of the Paraguayan makeshift navy attacked the powerful naval division of Brazilian Empire, establishing the important battle front of the Riachuelo river, small left bank affluent of the Paraná River. With risky operation, the Paraguayan command intended to take possession of imperial boats, imposing the upper arm area of the river, vital to the continuation of the ground offensive in Rio Grande do Sul and in Corrientes. The operation resulted in thunderous Paraguayan defeat. But, in the following months, the Imperial Navy gave the high-Parana control to the Paraguayan forces, which had its navy dismantled.

**Key words:** Riachuelo battle; War of Paraguay; River War

---

<sup>1</sup> Mário Maestri é professor titular do Programa de Pós-Graduação em História da UPF. E-mail: maestri1789@gmail.com



### O Ataque Naval Paraguaio: Razões para um Combate Assimétrico

Após o início de guerra contra o Império do Brasil e, sobretudo, contra a Argentina, o governo paraguaio jamais pretendeu manter contato com o mundo através da bacia do rio da Prata. Esperava, apenas, que uma guerra rápida superasse a impossibilidade da chegada de armas do exterior. A abertura de caminho de Corumbá a Santa Cruz, na Bolívia, procurara minorar, em algo, este *handicap negativo*.<sup>1</sup> Em 25 de maio de 1865, a recuperação temporária da cidade de Corrientes pelas tropas aliancistas registrou o grave escolho para a ofensiva paraguaia que constituía o controle do Alto-Paraná pela armada imperial, se fosse exercido de fato por ela.<sup>2</sup>

A batalha fluvial de 11 de junho de 1865, diante do Riachuelo, “insignificante riacho sem nome”, na margem esquerda do rio Paraná, a uns oito quilômetros abaixo de Corrientes, foi operação tática para avançar o provável plano de guerra da ofensiva paraguaia. Com ela, o comando paraguaio buscava obter, com a arriscada operação, a conquista de alguns barcos, a desarticulação da força naval imperial no Prata e, sobretudo, o domínio, ao menos temporário, do curso superior do rio Paraná.<sup>3</sup> Segundo o intelectual e militar Juan Crisóstomo Centurión, veterano daquela guerra: “[...] le preocupava [a Solano López] la idea de dominar el río [Paraná], cuya realización se imponía como una necesidad indispensable para poder continuar la campaña de Corrientes.”<sup>4</sup>

Com o domínio do rio Paraná, as tropas do general Estanislao Robles, em Corrientes, e do tenente-coronel paraguaio Antonio de la Cruz Estigarribia, no Rio

---

<sup>1</sup> SILVA, Leonan Nunes. Relações na Tríplice Fronteira: a Bolívia no contexto da Guerra Grande (1865-1868). Dissertação de mestrado: UFMT, 2009. pp. 73-86; Relatório do presidente da província Augusto Leverger, apresentando a Albano de Souza Osório, na transferência da administração provincial. Cuiabá, 8 de maio de 1866. Em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u435/>; CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años*. cronicas de la guerra de 1864-1870. Publicadas em “La Tribuna” de Asunción en el centenario de la epopeya nacional. 1º de Mayo 1865 - 4 de Noviembre de 1865. Asunción: EMASA, 1968. p. V. 2. p. 264-5.

<sup>2</sup> FRAGOSO, gal. Augusto Tasso. *História da guerra entre a Tríplice Alianza e o Paraguai*. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960. V. 2, p. 71-5; CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años*. Ob.cit. Vol. 2. p. 41-45; OURO PRETO, Visconde. [Afonso Celso de Assis Figueiredo]. *A Marinha d'outrora: subsídios para a historia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1981. p. 94. ; THOMPSON, George. *La guerra Del Paraguay*. Asunción: Servilibro, 2010. p. 77-78.

<sup>3</sup> TEFFÉ, Almirante Barão de. *Memórias do Almirante Barão de Tefé: A Batalha Naval do Riachuelo*. Contada em carta íntima poucos dias depois desse feito pelo 1º tenente Antônio Luiz Von Hoonholtz. Mais tarde Barão de [...] Rio de Janeiro: Garnier, junho de 1865. p. 11 *et seq.*

<sup>4</sup> CENTURION, Juan Crisóstomo. *Memorias: o reminiscencias históricas sobre la guerra del Paraguay*. Asunción: El Lector, 2010. p. 112.



Grande do Sul, unificariam-se, sob o comando de Francisco Solano López, para tentar forçar o Império a uma batalha geral, acredita-se nas cercanias de Porto Alegre. <sup>1</sup> Concluído o conflito, abririam-se as negociações, com a vantagem do Paraguai dominar o sul da província do Mato Grosso. Esse plano estratégico, ao qual o *mariscal* se referiu algumas vezes, justifica a ordem dada a Robles, em 1º de junho de 1865, de retornar sobre seus passos, e a instrução enviada a Estigarribia, de não ultrapassar o rio Ibicuy. Enquanto os navios dirigiam-se para Riachuelo, tropas paraguaias desembarcaram na cidade de Corrientes, possivelmente para participarem da ofensiva geral comandada pelo *mariscal*, após a batalha fluvial.

O ataque à divisão naval imperial foi operação aventureira. A vitória imperial em Riachuelo pôs a pique o plano ofensivo paraguaio, impondo a necessidade da retirada geral de volta para o país. Havia forte disparidade de forças entre a armada do Império do Brasil, a segunda nas Américas, e a paraguaia, força improvisada. O re-aparelhamento naval do Império acelerara-se, em inícios dos anos 1860, quando, esperando-se guerra contra o governo de Carlos Antonio, encomendaram-se as canhoneiras, navios próprios ao combate nos rios, usadas contra o seu filho, em 1865. Com a questão Christie, adquirira-se, na França, a moderna corveta *Brasil*, o primeiro encouraçado imperial, enviado ao Prata em setembro de 1865. <sup>2</sup>

Em 1864, a armada imperial dispunha de 45 navios de guerra, com cascos de ferro ou de madeira, 33 deles a vapor, muitos com hélices, com 237 bocas de fogo, em boa parte canhões raiados Withworth. A propulsão a vapor registrava modernização; os cascos de ferro e madeira, anacronismo relativo. Ao iniciar o conflito, mandara-se construir, em forma um tanto desorganizada, no exterior e no país, encouraçados, transportes, monitores e outros barcos menores. O monitor era pequeno couraçado, de bordo baixo, escasso calado, provisto de hélice. No final da guerra, o Império dispunha de pouco menos de cem navios de guerra, entre eles, dezesseis couraçados. Praticamente todos eram movidos a vapor. Teria, portanto, dobrado sua esquadra! <sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años: crónicas de la guerra de 1865-1870*. 2 ed. Asunción: La Tribuna, 1971. Publicadas en "La Tribuna" de Asunción en el centenario de la epopeya nacional. 30 de agosto 1864 - 4 de abril de 1865. Asunción: EMASA, 1968 V.1, p.154.

<sup>2</sup> OURO PRETO, Visconde. *A Marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 35 et seq., 66.

<sup>3</sup> OURO PRETO, V. *A Marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 31; FRAGOSO, A. T. *História da guerra entre a Tríplice Alianza e o Paraguay*. Ob.cit. Vol. 2, p. 50.



### Outros preparativos

No desenvolvimento do conflito, para consertar os navios avariados, o comando da armada construiu um importante arsenal na ilha do Cerrito, próxima à confluência dos rios Paraná e Paraguai. Uma linha de transporte quinzenal ligou o Rio de Janeiro ao frente de luta, com escalas em Montevidéu e Corrientes, servida pelos vapores *Isabel, Vassimon, Apa, Marcílio Dias, Werneck* e *Leopoldina*. Ela portava em contínuo fornecimentos e ordens. Através dela, o Imperador recebia notícias e intervinha sem pruridos nas decisões administrativas no distante Paraguai, assim como o fazia no Rio de Janeiro, no que dizia respeito aos seus ministros.<sup>1</sup>

O governo imperial interveio no quadro de oficiais, das duas armas, enrijecido por oficialidade envelhecida, habituada aos serviços civis e aos salões de festa, incapaz - ou não disposta - de partir para o Paraguai. Próximos ao poder, essa oficialidade resistia à reforma que punha fim aos proventos do serviço na *ativa*. Em 1867, o legislativo imperial autorizou o executivo a "exceder o quadro dos oficiais do corpo da Armada". Ou seja, criou dois *tipos* de oficiais na ativa: os ativos-ativos e os ativos-inativos!<sup>2</sup>

O crescimento da armada exigiu à contratação de pessoal médico, técnico e maquinistas civis, muitos deles estrangeiros. Ampliar a maruja, por voluntariado ou recrutamento, foi mais difícil. O homem pobre fugia do serviço militar como o diabo da cruz. Em geral, os *recrutados* eram arrebanhados pelos chefes de polícias entre os libertos, capoeiras, *criminosos* e *malandros*, desprotegidos, etc. Eles eram enviados ao Batalhão Naval e ao Corpo de Imperiais Marinheiros, onde serviam, no mínimo, por nove anos. Para as companhias de aprendizes-marinheiros iam os meninos órfãos, abandonados, rebeldes, filhos de famílias pobres, etc.<sup>3</sup>

Com a guerra, o governo elevou os prêmios dos *voluntários*, de cem para quatrocentos mil-réis, no Corpo de Imperiais Marinheiros. No Batalhão Naval, para alistamento por seis anos, o prêmio subiu para novecentos mil-réis, em três prestações, para que o *voluntário* não desertasse e economizar, no caso de fuga das fileiras e morte por doença ou combate do marujo. Escasseando os voluntários e mesmo os recrutados, lançou-se mão do homem escravizado. Durante o período

---

<sup>1</sup> OURO PRETO, V.. *A Marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 63-5; PINHO, Wanderley. (Org). *Cartas do Imperador D. Pedro II ao Barão de Cotegipe*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. p. 17 *et seq.*

<sup>2</sup> OURO PRETO, V.. *A Marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 42-3.

<sup>3</sup> OURO PRETO, V. *A Marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 49, 54; MAESTRI, Mário. *Cisnes negros: 1910: a revolta dos marinheiros contra a chibata*. 3 ed. Porto Alegre: FCM; Passo Fundo, PPGH. 2014. p.38-39.



colonial e mesmo nas primeiras décadas após a Independência, cativos eram utilizados a bordo nas tarefas mais duras dos barcos da armada.<sup>1</sup>

Durante a guerra, a marinha teria *libertado* mais de 2.700 cativos para servirem como marujos. Recebeu, portanto, proporcionalmente, número de libertados muito superior ao exército de terra. Em 1865, o Corpo de Imperiais Marinheiros contaria com 1.929 praças! Ou seja, os libertos inundaram os porões da armada. O visconde de Ouro Preto, ministro da Armada no gabinete *progressista* de 3 de agosto de 1866, propôs que apenas treze ex-cativos arrolados desertaram quando do conflito. Um dado pouco crível.<sup>2</sup>

### **Alimento ruim, muito trabalho e castigo**

Um comandante de canhoneira descreveu as condições de vida peníveis dos marujos quando da guerra.. Em geral, a ração era de "carne seca ou bacalhau; feijão, farinha e arroz; café, açúcar mascavo e bolacha", semi-podre, já que comumente "encerrada durante quatro meses em paióis onde a temperatura" era muito elevada. "[...] o trabalho é duro a bordo; cumpre reparar as enormes avarias sofridas: no casco, nos escaleres, na mastreação, no velame; [...] derrubar o mato e fazer lenha com que alimentar as caldeiras na falta de carvão [...]." A vigilância era dobrada à noite e o descanso, perturbado por nuvens de "ferozes mosquitos".<sup>3</sup>

Os marujos, em geral negros, mulatos, mestiços, eram tratados despoticamente por oficiais aristocráticos e brancos. A chibata, palmatoadas, etc. reinavam nos navios. No Paraguai, os atos de rebeldia e resistência dos marujos foram, também, proporcionalmente, superiores aos dos praças das tropas de terra. O historiador Mateus Couto assinala rebelião, em 15 de julho de 1867, na canhoneira imperial Taquari, no rio Uruguai. Trinta marujos indignados pelo castigo determinado ao cozinheiro da canhoneira, rebelaram-se contra o comandante do Taquari, 1º tenente Joaquim Antônio Alves Nogueira e seu imediato, apoderaram-se do barco, dispararam tiros sobre a vila de Itaqui. Com a chegada da canhoneira Tramandaí, comandada pelo tenente-coronel José Joaquim de Assumpção, a revolta foi sufocada e os trinta sublevados presos e enviados para o Rio de Janeiro. Nove marujos foram condenados à prisão perpétua e 21 a penas mais brandas. Comentou-se que o tenente Alves Nogueira e seu imediato tiveram que saltar ao

---

<sup>1</sup> SOUSA, Jorge Prata de. *Escravidão ou Morte: os escravos brasileiros na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.

<sup>2</sup> OURO PRETO, V. *A Marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 54 et seq.

<sup>3</sup> TEFFÉ. *Memórias [...]*. Ob.cit. p. 137.



mar e nadar até Itaqui, para salvar a vida, onde, eles “quase residiam permanentemente”, “fazendo mais vida de terra do que de mar”.<sup>1</sup> A história da armada imperial foi um rosário de fatos semelhantes até a grande sublevação de 1910. Entre muitas outras, temos registradas revoltas de alguma importância em 1891, 1894, 1904.<sup>2</sup>

No Prata, em 1865, a armada dispunha de 2.400 oficiais e marujos. Até o fim da guerra, pouco mais de nove mil combatentes navais intervieram no Prata. Nesse então, a marinha imperial já possuía 77 navios de guerra propriamente ditos. A força naval no Prata teria perdido, em combate, explosões, acidentes, etc. 52 oficiais e 208 marujos. Os mortos por doença foram 121 oficiais e 1450 subalternos. Destaque-se que o combate ceifava em forma mais democrática oficiais e marinagem [20% de oficiais; 80% de marujos] do que as doenças [8% de oficiais; 92% de marujos]!<sup>3</sup>

Apesar dos recursos e gastos, o desempenho da armada foi sofrível, no melhor dos casos. Se a guerra ao Paraguai tornou-se referência paradigmática para a oficialidade do exército de terra, o mesmo não aconteceu para a marinha, apesar da vitória em Riachuelo, em 11 de junho, ter sido o “principal encontro naval travado pela Marinha do Brasil em sua história”.<sup>4</sup> Desconsiderando-se, é claro, a enorme derrota imperial, na batalha de Juncal, em 7-9 de janeiro de 1827, quando da guerra Cisplatina [1825-27], contra as Províncias Unidas do Rio da Prata, envolvendo um número superior e mais equilibrado de navios, 32, no total.<sup>5</sup>

Durante a guerra, jornais do Prata e do próprio Império do Brasil, entre eles o *Jornal do Comércio*, repercutiram o avanço da esquadra a passo de cágado e sua falta de vontade de combater, responsabilizando-se sobretudo Tamandaré, seu comandante máximo, pela “inação”. A má vontade do almirante de deixar Buenos

---

<sup>1</sup> Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2ª feira, 26 de agosto de 1867. p. 1; “Navios de Guerra Brasileiros”. <http://www.naviosbrasileiros.com.br/ngb/T/T015/T015.htm>; COUTO, Mateus. Pernas pra que te quero: deserções e crimes na Guerra do Paraguai. Qualificação de tese de Doutorado. PPGH PUC RS.

<sup>2</sup> MAESTRI, M. *Cisnes negros*. Ob.cit. p. 89.

<sup>3</sup> OURO PRETO, Visconde. *A Marinha d’outrora*. Ob.cit. p. 58, 64.

<sup>4</sup> ALMEIDA, Francisco E. de. Riachuelo: uma batalha de controvérsias. *Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil*. Rio de Janeiro, V. 11, n.º 21, 2015, p. 54.

<sup>5</sup> MAIA, João do Prado. *A Marinha de guerra do Brasil na Colônia e no Império: Tentativa de reconstituição histórica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. p. 107-108.



Aires irritava o próprio governo imperial.<sup>1</sup> Na continuação dos sucessos, criticou-se a armada pelo arrastar-se da guerra, ao não bloquear o curso superior do rio Paraná; ao não atacar o exército paraguaio ao se retirar pelo Passo da Pátria; ao demorar-se na superação das defesas de Curupayty, em de agosto de 1867, de Humaitá, em fevereiro de 1868, etc. O próprio desempenho em Riachuelo, batalha encetada por iniciativa paraguaia, foi criticado, sobretudo no que se refere à não perseguição da esquadilha paraguaia batida.<sup>2</sup> Como proposto, a razão de tal comportamento foi imputada, inicialmente, até mesmo por oficiais da marinha, ao almirante Tamandaré.<sup>3</sup> Entretanto, sua substituição, após a grande derrota aliancista em Curupayty, em 22 de setembro de 1866, não modificou a proposta letargia.

A artilharia embarcada imperial recebeu também vivas críticas, de inimigos, aliados e autoridades imperiais. O visconde de Ouro Preto, destacado defensor do agir da armada, assinalou a baixa qualidade de seus "artilheiros". "A Marinha Brasileira carece de bons artilheiros. Não registra a história naval bombardeios mais nutridos e prolongados que os de Curupaiti e Humaitá. O perímetro das fortalezas [...] ficaram calçados de balas e bombas em estilhaços; e todavia os estragos não corresponderam à enormidade da pólvora e projeteis consumidos."<sup>4</sup> O coronel inglês George Thompson, em sua *Historia de la guerra del Paraguay*, antipática ao Império, enfatizou a baixa qualidade da artilharia da armada. Registrando a retomada transitória de Corrientes, em 25 de maio de 1865, propôs que a artilharia imperial disparava "sin cuidar si los que mueren son amigos, enemigos ó unos y otros [...]".<sup>5</sup>

Entre as causas da baixa eficácia da artilharia embarcada brasileira estariam os oficiais e artilheiros pouco competentes e canhões e projéteis não adequados. O baixo nível cultural e descompromisso da maruja com a guerra, registrado nas incessantes deserções, rupturas de disciplina, crimes, etc., contribuiriam para a *improdutividade* geral da arma. Cremos incorreto apontar o *temperamento*, *covardia*, "velhice precoce", "topor cerebral", etc. imputado à Tamandaré e, não raro, também a Barroso e outros altos oficiais da armada como causa daquela

---

<sup>1</sup> JACEGUAY, Almirante Arthur [Silveira da Mota]. *Reminiscências da Guerra do Paraguay*. Com um prefácio da contra almirante Raul Tavares. Rio de Janeiro: O Dia, 1935. p. 118.

<sup>2</sup>Id.ib. p. 104.

<sup>3</sup> Id.ib. p. 102.

<sup>4</sup> OURO PRETO. *A marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 61.

<sup>5</sup> THOMPSON. *Historia [...]*. Ob.cit. p. 78.



*passividade*.<sup>1</sup> Tamandaré foi belicoso no combate à República do Uruguai, em 1864, na *chefiava das tropas de terra e mar*, e letárgico, contra o Paraguai, partir de 1865. O fenômeno assinalado deve-se a opções *políticas* da alto mando da armada que merecem melhor análise.

### **Marinha Paraguaia**

Em 1893, Ouro Preto propôs que o governo paraguaio disporia de “numeroso e disciplinado exército e esquadra poderosa”. A afirmação risível sobre o arremedo de esquadra paraguaia foi *nuançada* pelo visconde com a explicação de que aquela *potência militar fluvial* seria devida ao “teatro em que [a esquadra imperial] devia operar”!<sup>2</sup> Em recente e valioso estudo, oficial da marinha e historiador pós-graduado explica ainda a longa duração da guerra como produto em parte das dificuldades postas por “região inóspita, sem qualquer tipo de apoio, infestada de doenças como a cólera, a febra amarela e o beribéri. [...] animais peçonhentos como cobras venenosas, aranhas e escorpiões que infestavam os acampamentos e os navios que fundeavam ou abarrancavam as suas margens.”<sup>3</sup> Segundo essas versões, um teatro de guerra hostil que dificultaria apenas a o exército e a armada imperial!

O *poderio* fantasioso da esquadra paraguaia serviu para Ouro Preto e historiadores posteriores justificarem o assinalado escasso desempenho da marinha imperial. O mesmo poderíamos dizer para a demora em ultrapassar a artilharia das defesas de Curupaiti, realizada apenas em 15 de agosto de 1867, e Humaitá, em 19 de fevereiro de 1868, seis meses mais tarde, apesar de já definitivamente superadas pelo avanço técnico dos barcos couraçados imperiais. Desde o ataque ao forte Itapiru, em abril de 1866, o artilheiro paraguaio tiveram comprovação de que, com “seus projetis de ferro fundido da sua artilharia de alma lisa, não podia por a pique os navios encouraçados” imperiais.<sup>4</sup> O comando da marinha propunha a ultrapassagem daquelas defesas como operação quase impossível. Ela foi feita, porém, sem a perda de sequer um navio imperial! Ao igual que o *forçamento* das defesas de Mercedes e de Cuevas, como veremos. No dia seguinte à ultrapassagem

---

<sup>1</sup> JACEGUAY, Almirante Arthur. *Reminiscências da Guerra do Paraguay*. Com um prefácio da contra almirante Raul Tavares. Rio de Janeiro: A Noite, 1935. p. 102.

<sup>2</sup> OURO PRETO. *A marinha d’outrora*. Ob.cit. p. 30

<sup>3</sup> ALMEIDA, Francisco. Riachuelo: uma batalha de controvérsias. Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, n.º 21, 2015, p. 62.

<sup>4</sup> JACEGUAY, Almirante Arthur. *Reminiscências da Guerra do Paraguay*. [...]. Rio de Janeiro: A Noite, 1935. p. 141.





de Curupayty, sem pudor e modéstia, Joaquim José Inácio Barros proporia: “O feito praticado pela esquadra sob meu comando é um dos mais brilhantes de toda a presente campanha [...]”<sup>1</sup>

A superioridade quantitativa e qualitativa naval do Império era sabida do governo paraguaio, que encomendara inutilmente navios de guerra na Europa. Em 4 de novembro de 1864, escrevendo a José Bergés, no acampamento de Cerro León, Solano López rejeitava a proposta do governo oriental de enviar, “por água”, quatro mil soldados paraguaios para a defesa de Montevideo, já que seriam necessários “vinte vapores de transportes regulares”. O que seria impossível devido ao “predomínio de las fuerzas navales del Brasil en el Río de la Plata”.<sup>2</sup> Em meados de 1865, a *armada* paraguaia contava com apenas dois navios de guerra – as canhoneiras *Tacuarí* e *Anhambay*. Esta última, capturada ao Império na campanha do Mato Grosso, não foi utilizada em Riachuelo. A canhoneira *Tacuarí*, com pouco mais de quatrocentas toneladas e dois motores de 180 HP, fora construída em 1853, na Inglaterra. Ela portava dois canhões Whitworth de 60, dois de 32 e dois de oito milímetros. Possuía casco de ferro, mas não era couraçada. Era barco de combate em parte superado visto que movido por rodas laterais.

A canhoneira *Anhambaí* era navio *misto*, com velas e duas rodas laterais, de 40 HP, construído no Rio de Janeiro, em 1858. Tinha dois canhões menores, em plataforma giratória, na proa e na popa. Ela se encontra, hoje, em exposição, no parque paraguaio de Vapor Cué, ao lado dos restos de outros navios paraguaios incendiados e afundados no final da guerra, por seus tripulantes, quando *embretados* em pequeno arroio. Em março de 1864, o Império teria recebido da Inglaterra os “primeros diez cañones Whitworth”. A seguir, a artilharia imperial de terra e embarcada incorporou muitos outros desses poderosos canhões, que as tropas paraguaias se esforçaram em capturar, devido ao seu valor.<sup>3</sup>

### **Armada Improvisada**

Aos dois navios de guerra paraguaios, foram agregados sete outros barcos mercantes, fortalecidos e artilhados com canhões lisos. O *Paraguarí*, de 627 toneladas, com quatro canhões; o *Ygurey*, de 548 toneladas, com cinco canhões; o

---

<sup>1</sup> Diários do Exército em Operações sob o comando em chefe do Exmo. Sr. Marechal de Exército Marquez de Caxias. RHIGB, Tomo 91, vol. 145 (1922), Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926. p. 64.

<sup>2</sup> LÓPEZ, Francisco Solano. *Cartas y proclamas del Mariscal López*. Asunción: El Lector, 1996. p. 97-98.

<sup>3</sup> THOMPSON, G. *La guerra del Paraguay*. Ob.cit. p. 31, 45.



*Yporá*, de pouco mais de duzentas toneladas, com quatro canhões. O pacote *marquês de Olinda*, de trezentas toneladas e quatro canhões, fora capturado ao Império, ao igual que o *Salto Oriental*, de 250 toneladas e quatro canhões, aprisionado à Argentina. O *Jejuí* e o *Pirabebé*, de 120 toneladas, estavam armados, o primeiro, com dois canhões, um deles de cano raiado e carga pela culatra, de doze polegadas [30 cm] e o, segundo, com apenas um canhão. Quase todos os maquinistas eram ingleses.<sup>1</sup>

Os pacotes artilhados, com rodas de tração laterais não blindadas, tinham as caldeiras desprotegidas ao fogo inimigo, já que postadas sobre a linha d'água. Esses barcos não podiam enfrentar minimamente os encouraçados que, muito logo, se incorporaram à frota imperial. O Paraguai não podia substituir os barcos perdidos, nem melhorá-los qualitativamente. A divisão naval que atacou a armada imperial contava também com sete *chatas* armadas de um canhão de oito [20 cm.] ou seis polegadas [15 cm.], além de outras embarcações menores.<sup>2</sup> Os infantes destinados à abordagem estavam armados de machados e sabres. Os soldados do Batalhão n.º 6 foram adestrado na abordagem e manejo dos sabres, em vista do ataque.<sup>3</sup>

A chata – rústico *monitor* de madeira – foi produto da tradição de construção naval paraguaia de pequenos navios e barcos fluviais, com as duras madeiras do país. “Os paraguaios desenvolveram a chata com canhão como arma de guerra. Era um barco de fundo chato, sem propulsão, com canhão de seis polegadas [15 cm.] de calibre, que era rebocado até o local de utilização, onde ficava fundeado. Transportava apenas a guarnição do canhão - cinco a seis homens - e sua borda, próxima do nível da água, deixava à vista reduzidíssimo alvo. Devido às ondas do rio, via-se somente a boca do canhão acima da superfície da água.”<sup>4</sup> Rodando sobre um trilho circular, o único canhão da chata disparava em todas as direções. Ele encontrava-se no centro do barco, em um poço de uns dois metros de profundidade, entre o convés da proa e a popa, onde se depositava a munição. A chata oferecia escasso alvo aos barcos inimigos e podia atingi-los, em tiro direto, à

---

<sup>1</sup> Trabajos realizados em los distintos vapores del Estado. Archivo Nacional de Asunción, Sección Historia, 1864, v. 343, n. 21.

<sup>2</sup> THOMPSON, G. *La Guerra [...]*. Ob.cit. p. 81-88; VERSEN, Max Von. (1833-1893). *História da Guerra do Paraguai*. Belo Horizonte: ed. Italiana, São Paulo: EdUSP, 1976. p. 77.

<sup>3</sup> CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años*. ob.cit. p. V. 2. p. 65.

<sup>4</sup> *História* : ensino fundamental e ensino médio: a importância do mar na história do Brasil / organização A. de S. Bittencourt. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. P. 111; FRAGOSO, A. T. . *História da Guerra [...]* 2 ed. Ob;cit. , Vol. 2, p. 83.



“altura da flutuação”.<sup>1</sup> O balanço de um oficial da marinha imperial veterano da guerra sobre essa embarcação foi cabal: “Materialmente considerando, essas chatas causaram na esquadra grandes prejuízos. Todos os navios que com elas se bateram, sofreram avarias mais ou menos consideráveis.”<sup>2</sup>

A superioridade da marinha imperial diante da armada e da artilharia paraguaia era tal que, no decurso da guerra, o Império perderia, em combate, apenas dois navios, o *Jequitinhonha*, quando do confronto de Riachuelo, e o encouraçado *Rio de Janeiro*, posto a pique possivelmente por dois *torpedos* estáticos paraguaios [minas fluviais], posicionados junto à estacada do forte de Curuzu, quando de ataque àquela posição, em 1º de setembro de 1866.<sup>3</sup>

### Um desastre anunciado

Quando da batalha naval de 11 de junho, a segunda e a terceira divisão da esquadra imperial estavam fundeadas, em coluna, horizontalmente à margem direita [Chaco] do rio Paraná, onde o rio possui uns setecentos metros de largura, com as proas dos navios contra a corrente, abaixo da cidade de Corrientes, pouco antes do *arroio* Riachuelo. Ela era formada de oito barcos: a fragata *Amazonas*; as corvetas *Belmonte*, *Jequitinhonha*, *Parnaíba*, *Beberibé* e as canhoneiras *Iguatemi*, *Ipiranga*, *Mearim* e *Araguari*. À exceção de um, todos os navios de combate portavam hélices, importante avanço em relação às rodas de água laterais, de mecanismo complexo, frágeis ao bombardeio e menor manobrabilidade. A flotilha contavam 2.277 homens: 1.113 da marinha e 1.174 do exército.<sup>4</sup>

A fragata imperial capitânia *Amazonas* fora construído na Inglaterra em 1851. Possuía 350 HP de potência, 1.200 toneladas de deslocamento, quatro canhões de 32 polegadas e dois de 70. Possuía um empuxe três vezes superior ao maior dos dois navios de guerra paraguaios – o *Tacuarí*. Por sua vez, menores do que a fragata, as corvetas imperiais, com hélices e velas, tinham umas seiscentas toneladas de deslocamento. As canhoneiras eram pequenos navios próprios à guerra fluvial, com de 40 a 70 HP, como vimos.

---

<sup>1</sup> OURO PRETO. *A marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 122.

<sup>2</sup> JACEGUAY. *Reminiscências [...]*. Ob.cit. p. 145.

<sup>3</sup> OURO PRETO. *A Marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 35; GAMA, ten. Luiz Felipe de Saldanha da. *Os torpedos na guerra do Paraguay*. Memória apresentada ao Instituto Polytechnico Brasileiro, em setembro de 1869. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1873. P. 14.

<sup>4</sup> SIQUEIRA, André César. *Batalha Naval do Riachuelo: 150 anos de uma vitoriosa operação conjunta da Marinha e do Exército do Brasil*. Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, n.º 21, 2015, p. 75.



O contra-almirante Francisco Manuel Barroso da Silva, nascido em Lisboa, em 1804, comandava a flotilha imperial. Com 61 anos, era oficial experiente, tendo lutado contra as Províncias Unidas do Rio da Prata e na repressão da Cabanagem, no Grão-Pará [1835-1840] e da Revolta Farroupilha, no Rio Grande do Sul [1835-45]. Foi elevado à dignidade de barão de Amazonas, por sua vitória em Riachuelo. Mesmo comandando a divisão naval imperial na importante vitória, a narrativa histórica reteve a Tamandaré como referência da Armada na guerra do Paraguai e grande herói da marinha.

Juan Crisóstomo Centurión propôs que o plano de ataque à esquadra imperial tivesse sido sugerido pelo oficial inglês Johnston, capitão da canhoneira HSM Dotorell. O certo é que o arriscado projeto foi abraçado por Solano López, que partiu, em 9 de junho, de Asunción, com quatro navios e tropas, para se juntar, no dia seguinte, em Humaitá, aos vapores e infantes que atacariam a flotilha imperial. Cremos que, ao contrário do que propõe o historiador paraguaio Efraim Cardozo, a decisão do *mariscal* de permanecer em Humaitá e de não viajar a Corrientes tenha se dado apenas após a derrota em *Riachuelo*, que comprometeu a ofensiva paraguaia. “[...] decidió permanecer en Humaitá para dirigir desde esa plaza las futuras acciones de guerra [...]”<sup>1</sup> Em verdade, depois da derrota em Humaitá se iniciou a suspensão da expedição paraguaia no exterior, talvez sem a decisão e presteza que se impunha.

O plano geral previa a *conquista* de navios imperiais, de surpresa, através da abordagem, a fim de fortalecer a frota paraguaia e assegurar o domínio da navegação do rio Paraná. Como vimos, o ataque seria empreendido pela canhoneira *Tacuari* e sete vapores mercantes artilhados e reforçados e sete chatas transportando um canhão cada uma. Essa era quase toda a armada paraguaia. Uns 1 600 infantes, duzentos por barco, escolhidos a dedo, realizariam a abordagem e a conquista dos barcos imperiais.<sup>2</sup>

A esquadra imperial seria atacada de madrugada, de surpresa, quando parte significativa da equipagem dormia em terra, devido à estreiteza e o calor nos *alojamentos* a bordo. A abordagem daria-se necessariamente contra a corrente, para que os navios pudessem imobilizar-se ao lado dos barcos assaltados. Portanto, a divisão naval paraguaia passaria pelos navios imperiais, rebocando as chatas, de luzes apagadas, máquinas em silêncio, protegida pelas ilhas fluviais locais, levada

---

<sup>1</sup> CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años*. ob.cit. p. V. 2. p. 65.; THOMPSON, G. *La guerra del Paraguay*. Ob.cit. p. 81.

<sup>2</sup> CENTURION, J. C. . *Memorias [...]*. Ob.cit. pp. 112 et seq.; TEFFÉ. *A Batalha Naval do Riachuelo*. [...]. Ob.cit. p. 67.



pelo fluxo do rio. Deixaria as chatas diante do Riachuelo, remontaria o rio, à todo o vapor, através do canal entre a ilha de Palomera e a margem direita. Sempre contra a corrente, após metralhar as cobertas dos navios imperiais, aparelharia ao lado dos mesmos para despejar sobre eles os infantes armados de sabres e machadinhas.

Alguns quilômetros rio-abaixo, para surpreender os navios imperiais que tentassem escaparem à abordagem, fora escondida nas barrancas elevadas da margem norte do *Riachuelo*, entre a vegetação, pouco mais de vinte canhões de quatro a dezoito polegadas e duas baterias de foguetes Congrève, anti-tropa. Na margem sul do riacho, em altura inferior, escondiam-se talvez dois mil infantes, armados de fuzis, para disparar sobre os tripulantes dos navios em fuga, atacados, também, pelas chatas. O apoio das tropas em terra diminuiria o desequilíbrio das forças sobre as águas. O major José María Brugués comandava as tropas e artilharia, trazidas rapidamente do Passo da Pátria e fornecidas pelo general Estanislao Robles. O *croqui* da posição foi enviado para o *mariscal*.<sup>1</sup>

No papel, o plano de ataque era tentador, desconsiderando-se os possíveis imprevistos, que sugeriam eventual fracasso envolvendo a maior parte da armada paraguaia. Era operação aceitável, caso se dispusesse de superioridade de forças ou capacidade de substituir os navios comprometidos. A candente necessidade de conquistar o domínio do rio Paraná, para avançar a operação expedicionária, em Corrientes e no Rio Grande, pode explicar operação tão arriscada. Fortalecia a confiança na proposta de abordagem o bom resultado alcançado, no Mato Grosso, com a conquista da canhoneira imperial *Anhambay* para a marinha paraguaia.

O sucesso do ataque paraguaio dependia fortemente da eventual surpresa dos navios inimigos. Além da menor potência, poder de fogo e qualidade da flotilha paraguaia, os costados dos navios imperiais eram mais altos, o que dificultava a abordagem. Como todos os barcos de guerra, eles possuíam refúgio, redes anti-abordagem e táticas contra a invasão por infantes. Piorando tudo, na pressa e improvisação da operação, as escadas de abordagem e os ganchos de fixação dos navios assaltados foram esquecidos ou não providenciados!<sup>2</sup>

Não havia plano alternativo à abordagem, que exigia surpresa no ataque, após passagem inapercebida. Esperava-se evitar combate naval à distância, devido à fragilidade e aos pouco mais de 30 canhões, de diversos calibres, paraguaios,

---

<sup>1</sup> TEFFÉ. *A Batalha Naval do Riachuelo*. [...]. Ob.cit. p. 67; CENTURION, J. C. . *Memórias [...]*. Ob.cit. p. 113.

<sup>2</sup> THOMPSON, G. *La guerra [...]*. Ob.cit. p. 82.



contra os 59 canhões imperiais, de maior calibre, precisão, penetração, maneabilidade, etc. A maruja imperial educara-se no manejo dos navios e no combate naval; a paraguaia, fora treinada a toque de caixa. Porém, seria maior a disposição paraguaia de luta. Comandava a operação o *comodoro* Pedro Inacio Meza, com a expedição ao sul do Mato Grosso e à cidade de Corrientes como únicas experiências de combate. Não é afirmação pós-facto dizer que tudo apontava para um enorme desastre.

### **A Batalha Fluvial do Riachuelo - 11 de junho de 1865**

Antes da flotilha paraguaia partir de Humaitá, às 12 horas, do sábado, 10 de junho, o *mariscal* galvanizou a tropa, que lhe prometeu voltar com a “esquadra brasileira” e matar todos os inimigos. Em tom de pilhéria, Solano López teria pedido que mantivessem em vida alguns prisioneiros, para fornecerem informações. O *mariscal* teria assistido a partida parado “no ponto mais visível e iluminado da bateria de Londres”, onde recebeu “os vivas estrondosos [...] à passagem” de cada belonave que baixava o rio, em direção das Tres Bocas.<sup>1</sup>

A operação, que pretendia surpreender o inimigo, para ter sucesso, começou com o *pé esquerdo*.<sup>2</sup> O vapor *Paraná* “ficara no Cerrito”, possivelmente “com avaria na machina”.<sup>3</sup> Passados poucos minutos da meia-noite de 10 de junho, após a flotilha abandonar o rio Paraguai e ingressar no rio Paraná, o navio *Iberá* parou devido a problema na hélice. Quando o concerto mostrou-se inviável, o *comodoro* Pedro Inacio Meza ordenou que se seguisse adiante. A demora comprometeu a esperada ultrapassagem da esquadilha imperial protegida pela noite.<sup>4</sup> Juan Crisostomo Centurión assistiu, da torre do Cabildo de Corrientes, a flotilha paraguaia que passava diante da cidade, atrasada, a todo o vapor. A seguir, deslocou-se, a cavalo, para assistir o combate, desde a barranca do Riachuelo, junto à artilharia paraguaia.<sup>5</sup>

Pedro Inacio Meza foi criticado por interromper a marcha devido à avaria ou por não postergar o ataque. Durante o conflito, foi obrigação dos oficiais superiores

---

<sup>1</sup> GARMENDIA, José Ignacio. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay: La campaña a Corrientes y Río Grande*. Vol.1. Corrientes: Amerindia, 2012. p.115; TEFFÉ. *A Batalha Naval do Riachuelo*. [...]. Ob.cit. p.64.

<sup>2</sup> THOMPSON, G. *La guerra* [...]. Ob.cit. p. 82.

<sup>3</sup> TEFFÉ. *A Batalha Naval do Riachuelo*. [...]. Ob.cit. p. 65.

<sup>4</sup> GARMENDIA, J. I. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Vol. 1. Ob.cit. p. 120.

<sup>5</sup> CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias: o reminiscencias históricas sobre la guerra del Paraguay*. 4 ed. Asunción: El Lector, 2010. p. 115.



seguir à risca as ordens do *mariscal*. Eles não tinham autorização para adaptar as determinações gerais das ordens que recebiam e não eram informados sobre os objetivos estratégicos da campanha. O que prejudicou as operações militares, já que Solano López se manteve durante a campanha expedicionária distante dos campos de batalha, em Asunción e, logo, em Humaitá. Mesmo mais tarde, durante a luta pela defesa do país, quando o *mariscal* aproximou-se do campo de batalha, ele jamais assumiu o que o historiador e coronel paraguaio Arturo Bray, com larga experiência militar, chamava de “puesto de comando”, de onde pudesse modificar e adaptar rapidamente as ordens gerais, devido aos fluxos e refluxos dos combates.<sup>1</sup>

### Navios a proa!

A força naval imperial postara-se, em coluna, ao longo da margem direita do rio Paraná, a uns oito quilômetros abaixo de Corrientes. Segundo o 1º tenente Antônio Luís von Hoonholtz, comandante da canhoneira *Araguari*, o alarme sobre a chegada dos navios inimigos deu-se pelas oito horas, 11 de junho, um domingo que amanhecera “fresco, sereno e iluminado por um sol brilhante a resplandecer num céu sem nuvens”. O visconde de Ouro Preto propôs que o fumo das chaminés paraguaias foi percebidos pelas nove horas, quando todos os marinheiros imperiais se encontravam acordados. Fossem às oito ou nove horas, oficiais e marinhagem encontravam-se regularmente despertos, entregues às suas funções. Após o aviso, os práticos e boa parte da tripulação que se encontravam em terra embarcaram-se rapidamente.<sup>2</sup>

Os vigias dos navios sinalizaram “Navios a proa!” A canhoneira *Mearim*, barco de vanguarda, comandada pelo 1º tenente Elisiário José Barbosa, içou o sinal de alarme: “Esquadra inimiga à vista!” “Os tambores rufavam, os clarins soavam canglorosos [estridente] em toda a esquadra e os apitos trilavam [...]” - na descrição gongórica do jovem comandante da canhoneira *Araguari*. À toda máquina, a fuligem negra da fumaça dos navios imperiais registrava que a lenha verde do Chaco dera lugar ao precioso carvão mineral. A flotilha preparou-se ao ataque da esquadilha paraguaia de inferior capacidade bélica.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> BRAY, Arturo. *Solano López: soldado de la gloria y del infortunio*. 3 ed. Asunción: El Lector, 1996. p. 312.

<sup>2</sup> OURO PRETO. *A marinha d'outrora*. Ob.cit. p.98; ALMEIDA, Francisco E.A. de. *Riachuelo: uma batalha de controvérsias*. Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 11, n.º 21, 2015, p. 63.

<sup>3</sup> TEFFÉ. *A Batalha Naval do Riachuelo*. ob.cit. p. 19-20; OURO PRETO. *A marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 98.



Os navios paraguaios avançaram, arrastando as baterias flutuantes. Infantes, portanto blusas vermelhas e calças brancas, sentados a borda de estibordo, prontos para abordar os navios inimigos, foram alvejados facilmente, recebendo a seguir ordem de se protegerem no interior dos navios.<sup>1</sup> Vendo-se descoberto, o comodoro Pedro Inacio Meza ordenou que se canhoneassem os imperiais, quando da ultrapassagem, a uns 1.600 metros do inimigo, e se prosseguisse rio-abaixo. Após manobrar para remontar o rio, determinou que a flotilha atracasse diante do *Riachuelo*, em coluna, protegido pelas tropas escondidas na margem.<sup>2</sup>

A modificação naquele momento inevitável do plano original, devido à impossibilidade de surpreender o inimigo, era ação racional. Se o comodoro determinasse que os navios retornassem para tentar a abordagem de barcos já aparelhados, daria o combate desigual sem o apoio da artilharia e infantaria emboscada nas margens do Riachuelo. Ela seria duramente criticada por Solano López, após a derrota.<sup>3</sup>

A passagem teria se dado as 9:25 da manhã, com os navios canhonando-se fortemente. O primeiro confronto assinalou a desproporção de meios. Antes que a flotilha paraguaia desaparecesse por detrás das ilha de Palomera, para por-se sob proteção da artilharia na barranca do Riachuelo, os canhões imperiais atingiram as caldeira desprotegidas do *Jejuy*, comandado pelo tenente Aniceto López, barco de madeira, de 120 toneladas, com três canhões, tirando-o do combate. Uma chata ficou à deriva, com a correia de tração cortada por uma bala. Os navios imperiais nada sofreram de grave.

### O confronto geral

O contra-almirante Barroso determinou que a flotilha subisse o rio, na perseguição do inimigo. Às 11:20, quando os primeiros navios imperiais estabeleceram contato com a flotilha paraguaia, postada diante do Riachuelo, foram surpreendidos pelo inesperado fogo dos 22 canhões postados na margem do rio. Durante a passagem, a artilharia paraguaia danificou fortemente a *Belmonte*, "navio testa" da coluna, obrigado-a a abarrancar-se, na margem oposta à bateria paraguaia, para não afundar. Enquanto a corveta imobilizada era objeto da artilharia inimiga, no outro lado do rio, as embarcações imperiais prosseguiram a passagem, rio-acima, tiroteando com os navios e a artilharia terrestre paraguaia.

---

<sup>1</sup> ALMEIDA, Francisco E.A. de. Riachuelo [...]. Ob.cit. p. 69.

<sup>2</sup> GARMENDIA, J. I. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Vol. 1. Ob.cit. p. 121

<sup>3</sup> OURO PRETO. *A marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 98





Antes que a passagem se completasse, ao inverter, “inexplicavelmente”, o rumo, a corveta imperial *Jequitinhonha*, o segundo maior barco imperial, com quase 640 toneladas de empuxe, também encalhou, em banco de areia, em pior posição, já que no canal diante da artilharia paraguaia. A corveta prosseguiria atirando com o inimigo, até ser abandonada à noite, após o fim do combate. O movimento da *Jequitinhonha* criou “a maior confusão nos demais barcos” imperiais. Pelo meio-dia, a passagem da flotilha imperial completara-se.<sup>1</sup>

Apoiado nas baterias em terra, o *comodoro* Meza retomou o plano inicial, lançando o *Taquari*, o *Paraguari* e o *Marquês de Olinda* à abordagem do *Jequitinhonha*. Em resposta, a corveta imperial *Parnaíba* abandonou a formação para apoiar a fragata imperial, sendo atingida no leme e cercada pelo *Taquari*, *Salto Oriental* e *Paraguari*. Os navios paraguaios com rodas tiveram dificuldades em encostar nos barcos imperiais. A invasão do *Jequitinhonha* foi realizada por infantess embarcados no *Salto*, movido a hélices e pelo *Marquês de Olinda*, pela popa. Nesse momento, a batalha parecia pender em favor do Paraguai.<sup>2</sup>

Os sucessos a bordo da corveta *Parnaíba* e da fragata *Jequitinhonha* circunscrevem o caráter anacrônico da proposta de abordagem, para conquista de navios, a partir de uma inferioridade de força. Essa iniciativa tivera sucesso, no Mato Grosso, em 6 de janeiro de 1865, com a *Anhambay*, em situação radicalmente diversa. Aquela canhoneira não possuía guarnição de infantess e era tripulada, em maior parte, por meninos e adolescentes do Corpo de Aprendizes.<sup>3</sup> A canhoneira encontrava-se isolada e a tripulação desmoralizada pela abandono do forte Coimbra, após tímida resistência, e de Corumbá, sem posição nenhuma. Os navios imperiais assaltados esperavam a abordagem, eram defendidos por tropas da infantaria, apoiavam-se uns aos outros.

O comandante a *Parnaíba* investiu de proa sobre o *Paraguari*, causando-lhe graves danos - esse seria o primeiro, mas não o último abalroamento intencional, na batalha em curso. Quando a corveta foi invadida por infantess desembarcados do *Salto*, marujos e soldados imperiais lançaram-se às águas, para salvar a vida, ou foram trucidados, em furioso combate corpo a corpo. O comandante do navio teria ordenado que parte da tripulação se resguardasse “debajo de [la] cobierta”, o que

---

<sup>1</sup> CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias* [...]. ob.cit. p. 114; BITTENCOURT, Vice-almirante Luiz Edmundo Brígido. *A marinha Imperial na Guerra do Paraguai não foi só Riachuelo: um breve relato sobre o épico da Guerra Naval*. Rio de Janeiro: Nossa marinha, 2011. p. 57.

<sup>2</sup> THOMPSON, G. *La guerre del Paraguay*. Ob.cit. p. 84.

<sup>3</sup> OURO PRETO, Visconde. *A Marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 89.



teria facilitado a conquista do convés, da popa ao mastro maior, e o controle do timão. A bandeira imperial foi arriada e a paraguaia, levantada em mastro do navio, diante dos demais navios envolvidos na batalha. <sup>1</sup>

### A falsa vitória

Quando a abordagem parecia vitoriosa, as canhoneiras imperiais *Araguari* e *Beberibe* aproximam-se do *Parnaíba*, metralhando furiosamente os paraguaios desprotegidos no convés do navio conquistado. Dizimados os assaltante, a tripulação e infantess encerrados na cobertura retomam o controle do convés. Sobrevivem apenas aqueles que se jogavam ao rio. No *Jequitinhonha* ocorre igual. Os paraguaios controlam o convés, marujos e praças imperiais se encerram nas cobertas, o navio capitânia *Amazonas*, a canhoneira *Mearim* e a corveta *Belmonte*, que se livrara, sem dificuldade, de tentativa de abordagem, metralham sem dó o convés que se cobriu de sangue e de corpos paraguaios. <sup>2</sup>

A busca de proteção nas cobertas pela tripulação e a dizimação por metralha dos inimigos expostos nos conveses dos navios abordados pelos demais barcos envolvidos no combate eram comportamento padrão. Apesar do massacre de soldados que a iniciativa ensejou, o alto comando paraguaio prosseguiu na falsa esperança de capturar do mesmo modo barcos imperiais, ao estilo de piratas de tempos devolutos. Porém, teria sido possível minar e abandonar os navios abordados, possibilidade jamais explorada pelos paraguaios.

George Thompson afirma que, "siempre que un vapor paraguayo llegaba à lo largo de un vapor brasileiro, muchos hombres de la tripulación [...] se echaban al agua [...]." <sup>3</sup>Informação corroborada por oficiais imperiais que participaram do combate, para os navios abordados. Porém, no ataque e conquista do convés do *Parnaíba*, entre as dezenas de imperiais mortos, foram citados com destaque pela parte do combate, por morrerem lutando, o capitão Pedro Afonso Pereira e o tenente Feliciano Inácio Andrade, ambos do 9º Batalhão de Infantaria; o guarda-marinha João Guilherme Greenhalgh e o imperial marinheiro Marcílio Dias. Portanto, dois combatentes da infantaria; um aspirante a oficial e um subalterno da armada.

Foi algo novo e sem continuidade, a inclusão, na parte do comandante do navio, entre os caídos na luta, selecionados para se transformarem em exemplos

---

<sup>1</sup> CENTURIÓN *Memorias [...]*. Ob.cit. p. 114; GARMENDIA, J. I. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Vol. 1. Ob.cit. p. 124.

<sup>2</sup> TEFFÉ. *A Batalha Naval do Riachuelo*. Ob.cit. p.59; THOMPSON, G. *La guerre del Paraguay*. Ob.cit. p. 84.

<sup>3</sup> THOMPSON, G. *La guerre del Paraguay*. Ob.cit. p. 84.



paradigmáticos, de um marinheiros negro, sem maiores antecedentes. Como registra a situação de insubordinação intermitente, era escassa a adesão dos marujos à luta e à armada, para a qual eram em geral recrutados pela força, como no caso de Marcílio Dias, para conhecerem, por longuíssimos anos, o tratamento e condições de existência já referidas. Para a maruja, a guerra em defesa do *pundonor* imperial e nacional ofendido não diria e não podia dizer muito.

### **Heróis populares para guerra imperial**

No Brasil, a imprensa retomou o culto dos caídos na corveta *Parnaíba*, destacando a morte do imperial marinheiro negro. Tratava-se certamente de tentativa de espraiar, para os subalternos, o pretendido e elogiado *brio* e o *envolvimento* dos oficiais imperiais na guerra. O que parece não ter obtido grandes resultados. Além do *Chico Diabo*, também rio-grandense, apresentado como responsável pela morte de Solano López, Marcílio Dias seria o único subalterno retido pela memória oficial de conflito onde morreram dezenas de milhares de marujos e praças anônimos. Na edição de 1904, do *Resumo da História do Brasil*: para uso das escolas primárias brasileira, de Maria G. L. de Andrade, com primeira edição nos anos 1880, entre os quase trinta “heroes brasileiros” referentes àquele conflito, encontra-se apenas Marcílio Dias.<sup>1</sup>

Marcílio Dias seria incorporado ao panteão dos heróis da marinha e da história nacional-patriótica, como espécie de *contrapeso* subalterno à infinidade de oficiais maiores da armada e do exército sacralizados naquele e em outros embates. Na armada, seria apresentado aos marujos e sub-oficiais como exemplo de sublimação na dedicação à arma e à pátria. Na historiografia nacional-patriótica, seria apontado como personificação da integração voluntária de subalternizados aos propósitos históricos das classes dominantes, ao igual que a índia *Bartira*, o índio Felipe Camarão, o negro *Henrique Dias*.

Em artigo recente, em número da revista *Navigator*, da Marinha, dedicado à celebração da batalha fluvial de Riachuelo, o historiador Álvaro Pereira de Nascimento, ao traçar a biografia e a construção da memória sobre Marcílio Dias, abraça e atualiza exemplarmente a mitificação patriótica da vida e da morte do humilde combatente: “Sendo um homem negro, imperial marinheiro, defensor do território nacional e respectivo povo, deve ter Marcílio Dias se enchido de júbilo e

---

<sup>1</sup> ANDRADE, Maria G. L., *Resumo da História do Brasil*: para uso das escolas primárias brasileira. Boston: Ginn & Company, 1904. p. 211.



orgulho por demonstrar que era um brasileiro capaz de zelar pela pátria como qualquer outro homem, independente da sua cor.”<sup>1</sup>

### Vitória singular

Pelas 14:00, com o rechaço da abordagem dos navios imperiais, a batalha desequilibrara-se claramente em desfavor da flotilha paraguaia. A artilharia imperial seguia atirando também contra as baterias paraguaias na margem esquerda do rio Paraguai, que, mesmo quando não atingidas diretamente, sofreriam com a queda das “corpulentas árvores”, que golpeavam os artilheiros e “desmontavam canhões”.<sup>2</sup> Entretanto, o combate se decidiu em forma inesperada e paradoxal, para luta moderna sobre as águas.

O navio capitânia *Amazonas* resolveria a batalha. Apoiado em seu maior empuxe e altura, abalroou com a poderosa proa metálica o *Paraguarí* e, a seguir, o *Marquês de Olinda* e o *Salto*, nesse momento à deriva, com sua caldeira atingida. Tudo igual às galeras da Antiguidade que fincavam os esporões nos costados dos navios inimigos! A *fragata* imperial tinha 1.050 toneladas, o *Paraguarí*, que naufragou, devido ao dano sofrido em seu frágil casco de madeira, e tiros certos da artilharia imperial, a metade. O *Salto* e o *Marquês de Olinda*, com apenas trezentas e 225 toneladas, foram inutilizados devido aos golpes e os danos nas caldeiras e rodas de água, expostas e não blindadas, atingidas pela artilharia.<sup>3</sup>

Às 16:30 a batalha chegava ao fim. Três chatas foram postas a pique e outras três capturadas, após o combate, enquanto os quatro navios que restavam da esquadra paraguaia iniciam fuga, rio-acima, após oito horas de luta, praticamente no mesmo trecho do Paraná - *Tacuari*, *Igurey*, *Beberibe* e o *Araguari*. A perseguição dos barcos paraguaios em frangalho foi empreendida pelo *Beberibe* e *Araguari* e logo suspensa. Barroso justificou a não perseguição da força fluvial paraguaia devido ao medo de navegar, à noite, pelos estreitos e traiçoeiros canais do grande rio. O pôr do sol ocorria em torno das 18:00.

Arrastado pela correnteza, o paquete *Marquês de Olinda* foi avistado, e abordado, no dia seguinte, próximo às barrancas de *Mercedes*, pela *Araguari*. Comandava a canhoneira o tenente Antônio Luís von Hoonholtz, futuro barão de

---

<sup>1</sup> NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. O marinheiro negro Marcílio Dias: as muitas memórias de um cidadão exemplar. *Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil*, Rio de Janeiro: diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, n. 21, jun. 2015. p.85.

<sup>2</sup> OURO PRETO. *A marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 103.

<sup>3</sup> GONZÁLEZ, José F. *Corrientes ante la invasión paraguaya*. Argentina: Amerindia, 2002. p. 45.



Tefé, ex-colega de Benigno López, irmão do mariscal, em 1852, na Academia de Marinha, no Rio de Janeiro. O pacote estava estropiado e enalhado, com 55 tripulantes a bordo, um maquinista inglês e seu comandante, o tenente Ezequiel Robles, irmão do general comandante das tropas em Corrientes, ferido mortalmente. “[...] tinha o braço esquerdo partido no terço superior e o peito atravessado por uma bala de fuzil que penetrara entre duas costelas e saíra nas costas furando a farda.” Ajudado por um sargento paraguaio, Robles entregou cerimoniosamente sua espada ao tenente Antônio Luís.<sup>1</sup>

Robles foi transportado para a *Araguari* e, a seguir, para o capitânia, onde teve um braço amputado. Morreu, em 14 de junho, devido aos graves ferimentos. Entre os tripulantes, havia “um brasileiro da antiga tripulação”. Deixando o capitão da *Araguari* alguns marinheiros paraguaios nos restos do navio, eles construíram uma balsa e foram recolhidos, em 14 de junho, pelo navio inglês *Dotorell*. Mais tarde, no dia 17, o *Marquês de Olinda* foi desmantelado e incendiado.<sup>2</sup>

Nos dias seguintes, os navios imperiais digladiaram-se com as baterias postas na encosta do rio; destruíram navios e chatas paraguaias; ocuparam-se das suas avarias, causadas pelo combate. Tenente Antônio Luiz von Hoonholtz, comandante da *Araguari*, montou em sua canhoneira um canhão de 68 de chata paraguaia, que guarneceu, em parte, com prisioneiros de guerra, o que era totalmente ilegal.<sup>3</sup> Por seu lado, Solano López, mantendo o controle real daquele trecho do rio, como veremos, mandou vapores para recuperar o que fosse possível dos navios atingidos, paraguaios e imperiais. O *Paraguarí* foi rebocado de volta e o *Jequitinhonha* foi *canibalizado*, recuperando-se canhões, obuses, hélice de bronze, seu mastro maior (verga), instrumentos, etc.<sup>4</sup>

### A batalha pelas glória e pela memória

Mal se encerrou a batalha, a autoria da inusitada decisão de abalroar com a proa da fragata *Amazona* os navios menores paraguaios ensejou enorme polêmica, que ainda não se encerra. *La Guerra del Paraguay*, de 1869, do major inglês George Thompson, transformou-se em obra referencial sobre o conflito, não raro repetida acriticamente. Ele propôs que Barroso, tomado pelo pânico no início da batalha, se

---

<sup>1</sup> TEFFÉ. *A Batalha Naval do Riachuelo*. Ob.cit. p.63 et seq.; 75; CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años*. ob.cit. p. V. 2. p. 75

<sup>2</sup> OURO PRETO. *A marinha d’outrora*. Ob.cit. p. 109; TEFFÉ. *A Batalha Naval do Riachuelo*. Ob.cit. p.63 et seq.; 75; CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años*. ob.cit. p. V. 2. p. 75.

<sup>3</sup> TEFFÉ. *A Batalha Naval do Riachuelo*. Ob.cit. p.115.

<sup>4</sup> THOMPSON, G. *La guerre del Paraguay*. Ob.cit. p. 88.



encerrara em seus aposentos, deixando o comando do navio e da esquadra ao prático Bernardino Guastavino. Segundo ele, devido à falada “cobardía” de Barroso, sobre o qual “se decía” que perdera “completamente la cabeza”, o “piloto correntino” desempenhara-se como “el verdadero gefe de la escuadra.”<sup>1</sup>

Crisostomo Centurión seria mais comedido na proposta de renúncia de Barroso ao comando. O intelectual e militar paraguaio propôs que Barroso, “turbado” ao ser surpreendido pela artilharia postada na margem do Riachuelo, pedira conchego e recebera a orientação de Guastavino de forçar “el paso por frente de la batería de [José María] Brugués, y de la escuadrilha paraguaya”. Aceptando a recomendação, ficara “convertido en almirante el vaqueano correntino”! No frígido dos ovos, possivelmente, a defecção de Barroso e o pretense comando da esquadra por Guastavino se reduziram à sugestão que o *prático* dera sobre a navegabilidade daquele no trecho do rio.<sup>2</sup>

É menos fantasiosa a afirmação, também quase imediata à batalha, que a sugestão de investir os navios inimigos fora do prático correntino. Uma versão, logicamente, com amplo trânsito na historiografia argentina. O general e historiador argentino, veterano da guerra, proporia em um trabalho clássico: “[...] y recibí [Barroso] con júbilo la brillante inspiración [...] [do] práctico correntino Guastavino [...] de atacar a los buques paraguayos con la formidable proa de la hermosa nave capitana.”<sup>3</sup> Proposta que Barroso negou resolutamente. Em inquérito, de 1877, exigido pelo vencedor de Riachuelo, o próprio prático confirmaria a “iniciativa e ordem” do contra-almirante, após o consultar “se havia água bastante pra a *Amazonas*” proceder a operação. O que não resolve a questão. Era improvável que o prático desmentisse o almirante da armada e do governo imperial, que o haviam recompensado pelo seu serviço durante o combate.

A historiografia tem dado pouca atenção a uma outra versão. No Jornal do Comércio, de 15 de agosto de 1877, Delfim de Carvalho, imediato da fragata *Amazonas*, quando do combate de Riachuelo, propôs que o primeiro choque da *Amazonas* contra o barco *Paraguarí* fora dado inadvertidamente, para que a corveta se pusesse fora da linha de tiro de uma chata. Na proa, constatando, o resultado do choque, Delfim de Carvalho sugerira que Barroso o repetisse, o que ele teria feito, após a consulta a Guastavino. O artigo ensejou o inquérito apenas referido.

---

<sup>1</sup> id.ib. p. 87.

<sup>2</sup> CENTURIÓN. *Memorias [...]*. Ob.cit. p. 113.

<sup>3</sup> GARMENDIA, J. I. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Vol. 1. Ob.cit. p. 125.



A sequência de sucessos proposta por Delfim de Carvalho parece mais crível, do que a decisão, no meio de um confronto ainda confuso, de lançar o *Amazonas* contra os barcos inimigos, sem conhecer o possível resultado que sofreria a belonave capitânia. Uma eventualidade que não retiraria o crédito de Barroso-Guastavino, pela presença de espírito e decisão, do primeiro, em acolher a proposta, e do segundo, em permitir que ela seguisse adiante, com a informação sobre a navegabilidade do rio.

A esquadra imperial teve em torno de 120 mortos – a paraguaia, talvez bem mais de que os duzentos propostos. O *comodoro* Pedro Inacio Meza morreu oito dias mais tarde em hospital de Humaitá, devido à ferida no peito. Ao saber da morte, Solano López teria dito: "Si no hubiera muerto con una bala, debía morir con cuatro". Pretendia que o comodoro mereceria o pelotão de fuzilamento, devido à grave derrota de 11 de junho de 1865, por ter desobedecido suas ordens. O balanço final de Thompson da aventura talvez reforce a tese da sugestão por oficial inglês do assalto e abordagem dos navios: "Probablemente hubieran tomado la escuadra, si en vez de pasar aguas abajo hubieran abordado inmediatamente à los brasileiros."

<sup>1</sup> Juan Crisóstomo Centurión retomou do major inglês a proposta da derrota devido ao abandono do plano. <sup>2</sup>

O *mariscal*, que responsabilizaria habitualmente seus oficiais pelo fracasso de seus planos, não raro, temerários, teria proibido que qualquer militar participasse do enterro do malgrado comodoro, ferido mortalmente em forma honrosa, em combate, em seu posto de comando. Ao contrário, o vice-almirante Barroso receberia, entre outras honrarias concedidas pelo Imperador, o título de barão de Amazonas, nome da nau capitânia. A guerra contra o Paraguai permitiria ao Imperador enobrecer praticamente todo o alto comando, sobretudo do exército, mas também da armada.

### **A maior batalha naval do mundo**

O pintor brasileiro clássico Victor Meireles, autor da célebre "Primeira missa no Brasil" [1861], viajou, em 1868, para o Paraguai, para esboçar, à bordo de barco da esquadra, quadros encomendados pelo governo imperial. Nesse então, a pintura de batalhas era a forma *plástica* mais refinada e elevada de registro e celebração de um sucesso militar pátrio. A mais famosa pintura de Victor Meireles foi certamente "O combate naval de Riachuelo", que ele concluiu, na sua versão definitiva, apenas

---

<sup>1</sup> Idem. 87

<sup>2</sup> CENTURIÓN. *Memorias [...]*. p. 113.



em 1883, já que a original foi destruída, pouco após a conclusão, de retorno ao Brasil de uma exposição nos Estados Unidos.

O quadro monumental, 420 cm × 820 cm, apresenta, no lado esquerdo, enfileirados, navios imperiais com, em primeiro plano, a nave capitânia, talvez ainda maior do que na realidade, em relação aos outros barcos, com o vice-almirante Barros, totalmente exposto na proa, saudando de braço elevado a vitória. Na parte esquerda do quadro, marinheiros paraguaios sobre os destroços dos navios destruídos. Esse quadro foi reproduzido incessantemente nos livros e cadernos escolares, do Império até poucas décadas, enquanto os sintéticos livros didáticos de História relatavam os feitos de Caxias, de Osório, de Barroso, de Marcílio Dias.

A propaganda imperial e a aliancista divulgaram enormemente a vitória, a primeira obtida, dando-lhe foro heróico desmedido, versão prontamente recolhida pela historiografia nacional-patriótica. Tomado de arroubos patrióticos, o visconde de Ouro Preto diria: "A Batalha do Riachuelo, considerada do ponto de vista exclusivamente militar, foi um dos maiores feitos navais de que reza a história." <sup>1</sup> Se foi um sucesso histórico da marinha do Império, não teve continuação imediata, ao contrário do que era de esperar-se. Nesse caso com razão, Thompson lembraria que, após a batalha, travada por iniciativa do alto comando paraguaio, por "ocho meses no se volvió a oír hablar de la escuadra brasileira [...]." <sup>2</sup> Efetivamente, os paraguaios puderam seguir atuando no curso superior do rio Paraná e, em fins de 1865, aquele corpo de exército retirou-se através do Passo da Pátria sem ser incomodado pela esquadra imperial.

Em *Reminiscência da guerra do Paraguay*, escrita décadas após os sucessos, Arthur Jaceguay, jovem oficial naval que se desempenhara, no conflito, como secretário e ajudante de ordens de Tamandaré, registra: "[...] a esquadra era acusada de não ter impedido que os paraguaios repassassem o Alto Paraná [...]." Explica esse comportamento por não haver "pratico algum", já que "López vedara a sua navegação", e que aquele trecho do rio era "navegável apenas por navios de pequenas dimensões", não permitindo "movimentos rápidos da esquadra". No mesmo trabalho, culpa Tamandaré pela "inacção da esquadra" e propõe que teria causado "assombro" a nomeação do vice-almirante chefiar a flotilha do Prata. Segundo o almirante Arthur Jaceguay, ele sofreria de "velhice precoce"; resistia à "aliança argentina", que não "julgava necessária"; incomodara-se em perder o comando geral da guerra e da diplomacia que gozara no Uruguai; preocupava-se

<sup>1</sup> OURO PRETO. *A marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 105.

<sup>2</sup> THOMPSON, G. *La guerre del Paraguay*. Ob.cit. p. 89.





em *manter* a armada “na sua importância como força de real e capital necessidade para o Brasil”, resistindo a por em risco os barcos em combate. “Ele, raciocinava demais para afoitar-se a qualquer iniciativa arrojada, em que pusesse em risco qualquer navio da esquadra.”<sup>1</sup>

George Thompson, ao descrever os fatos após a batalha e as narrativas heróicas sobre ela em curso no Paraguai, registra a legenda patriótica de que Robles, comandante paraguaio do vapor *Marquês de Olinda* teria, após a amputação do braço, arrancado “las vendas”, dizendo que “preferia morrer antes que permanecer prisionero”.<sup>2</sup> Crisóstomo Centurión retoma essa versão em sua célebre *Memorias [...]*, quase textualmente.<sup>3</sup> Em seu editorial imediatamente posterior à derrota em Riachuelo, *El Semanario*, jornal governamental, destacou o heroísmo do soldados paraguaio, na batalha “entre nuestra pequeña flota y la escuadra brasileira”, que demonstrara que o Paraguai era “capaz de sostener la Independencia que una vez ha proclamado y jurado sostener”.<sup>4</sup> Registrava, portanto, em forma apenas não direta, a enorme derrota sofrida. A ênfase da narrativa sobre a guerra deslizava para o apelo pela luta pela defesa do território e da independência nacionais.

Cem anos mais tarde, quando do centenário do conflito, em sua história da guerra, contada dia por dia, publicada originalmente no jornal *La Tribuna*, de Asunción e, mais tarde, em 13 tomos, Efraim Cardozo foi ainda mais tortuosos para descrever a derrota, encerrando sua descrição da batalha em um sentido claramente patriótico, que caracteriza essa magnífica obra: “Al final, la neta superioridad del armamento naval brasileño sobre la escuadra paraguaya constituida, en su casi totalidad, por barcos mercantes de madera, inapropiados para acción de guerra, impidió que la escuadra paraguaya recogiera los frutos de la victoria [sic]. De todos modos se escribió la página más gloriosa de la armada paraguaya.”<sup>5</sup>

A derrota fluvial deprimiu a confiança dos correntinos, entrerrianos e orientais na possibilidade de vitória paraguaia. Não foi menor a repercussão no Paraguai, onde se acelerou a mobilização no interior do país. Agora, os novos recrutas já não

---

<sup>1</sup> JACEGUAY, Almirante Arthur. *Reminiscências da Guerra do Paraguay*. p. 92, 102, 104, 121, 164.

<sup>2</sup> THOMPSON, G. *La guerre del Paraguay*. Ob.cit. Id.ib. p. 86.

<sup>3</sup> CENTURIÓN. *Memorias [...]* p. Ob.cit. p.114.

<sup>4</sup> CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años*. ob.cit. p. V. 2. p. 80.

<sup>5</sup> Id.ib., p. 71.



recebiam necessariamente formação militar no acampamento de Cerro León. Eles se dirigiam diretamente para Asunción, onde entravam em colunas, com a bandeira à frente, dando vivas à pátria e ao mariscal. A seguir, após exercícios sumários nas praças da capital, eram enviados sobretudo para Humaitá, onde se formava uma reserva de dez mil homens. As condições sanitárias precárias nessa fortificação à beira do rio Paraguai ensejaram enfermidades epidêmicas que ceifaram a vida de milhares de combatentes.<sup>1</sup>

### **Domínio postergado**

A historiografia brasileira destacou sempre, não raro em forma rebarbativa, a indiscutível e importante vitória naval do Império em Riachuelo. Em geral não se deteve no fracasso que a ela se seguiu, no que diz respeito ao estabelecimento do domínio fluvial do Império sobre o curso superior do rio Paraná, a grande questão em disputa. O tenente Antônio Luís von Hoonholtz, ao abordar os destroços do *Marquês de Olinda*, relatara que a artilharia paraguaia se fortalecia na barranca de Mercedes. A nova defesa paraguaia fora constituída com 36 canhões e mais de dois mil infantess e cavalariano.

Em 18 de junho, sete dias após aquela batalha, às 11 da manhã, sob o comando do vice-almirante Barroso, a flotilha imperial, *Amazonas*, *Ivaí*, *Apa*, *Ipiranga*, *Majé*, *Iguatemi*, *Beberibe*, *Araguary*, *Parnaíba*, *Mearim*, *Belmonte* e *Itajaí*, estacionada entre Riachuelo e Empedrado, *desceu* o Paraná, para forçar, tiroteando, o passo de Mercedes, em uma curva do rio, a uns quinze quilômetros ao norte de Empedrado. Nesse trecho, o leito do rio tem menos de dois quilômetros e as barrancas da margens ultrapassam os quinze metros. “Segundo a ordem terminante” de Barroso “o pessoal” recolheu-se “às cobertas durante a passagem.” A ultrapassagem da nova defesa paraguaia motivou dois mortos e 12 feridos. Entre os mortos estava o capitão-tenente Bonifácio de Santa Anna, comandante da *Beberibe*. Cedendo espaço conquistado, a flotilha imperial foi ancorar ao norte de Bela Vista, a quase cem quilômetros da vila de Corrientes, rio-abaixo.<sup>2</sup> Desde então, todo o curso do rio, ao norte da nova posição do estreito de Mercedes, ficava à discrição dos navios paraguaios, que podiam enviar mensagem, retirar enfermos, abastecer as tropas, etc., como efetivamente o fizeram.

---

<sup>1</sup> Id.ib., p. 79.

<sup>2</sup> CARDOZO, Efraim. *Hace 100 años*. ob.cit. p. V. 2. p. p. 81; OURO PRETO. *A marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 109. TEFFÉ. *A Batalha Naval do Riachuelo*. ob.cit. p. 108.



Mas não era tudo. Discretamente, os paraguaios postaram trinta canhões, foguetes Congrève e farta infantaria, em diversas cotas de disparo, esparramados ao longo da margem do rio, em pequenas baterias, em pontas de Cuevas, abaixo do ancoradouro da flotilha imperial. Por ordens de Tamandaré, em 12 de agosto, pelas 10 horas da manhã, a esquadilha imperial iniciaria a passagem da defesa, em direção ao sul, a toda a máquina, com “a gente que não era precisa” sob cobertura, cedendo um outro trecho do rio. O comandante paraguaio deixou que a vanguarda dos navios imperiais, em fila, superassem as primeiras baterias, para abrir fogo. Cada navio demorava-se uns vinte minutos para superar as diversas pequenas baterias paraguaia. Os mortos imperiais na ultrapassagem foram 21 e os feridos, 38. Os argentinos, com um navio, tiveram três feridos. Desta vez, Barroso foi fundear um pouco acima da vila Goya, posição que os paraguaios jamais ultrapassaram.<sup>1</sup>

“Desde este momento, puede decirse, desaparece momentáneamente la importancia de la escuadra sobre el Paraná [...]” - assinala o general-historiador argentino José Ignacio Garmendia, que lutara jovem na guerra, em geral simpático ao Império.<sup>2</sup> O fato de ter cedido o controle do rio ao inimigo, após a vitória de Riachuelo, valeu amplas crítica a Barroso, defendido, em 26 de agosto de 1865, pelo vice-almirante Tamandaré, responsável pela ordem direa: “A descida da Esquadra tornou-se necessária, para não ficar com a retaguarda cortada e assim incomunicável.”<sup>3</sup> Esse argumento seria utilizado pelo alto comando da armada até o fim da guerra. Era um paradoxo que o domínio do trecho superior do grande rio, pelas tropas paraguaias, devido à reticência do comando da armada imperial em usar seus navios em combate, sugeria a desnecessidade da operação paraguaia em Riachuelo. Entretanto, mesmo que a armada imperial não efetivasse o domínio do curso superior do rio Paraná, deixando livre curso ao inimigo, ficara claro ao comando paraguaio que ela poderia fazê-lo, se quisesse, no momento em que quisesse. Recuar, era preciso, de volta ao território nacional, encerrando sem glória a mal-sucedida operação expedicionária ao exterior.

---

<sup>1</sup> BITTENCOURT, Vice-almirante Luiz Edmundo Brígido. *A marinha Imperial na Guerra do Paraguai não foi só Riachuelo: um breve relato sobre o épico da Guerra Naval*. Rio de Janeiro: Nossa marinha, 2011. p. 61; MAIA, João do Prado. *A Marinha de guerra do Brasil na Colônia e no Império*. Ob.cit. p. 290.

<sup>2</sup> GARMENDIA, J. I. *Recuerdos de la Guerra del Paraguay*. Vol. 1. Ob.cit. p.115; TEFFÉ. *A Batalha Naval do Riachuelo*. Ob.cit. p. 139.

<sup>3</sup> OURO PRETO. *A marinha d'outrora*. Ob.cit. p. 110.